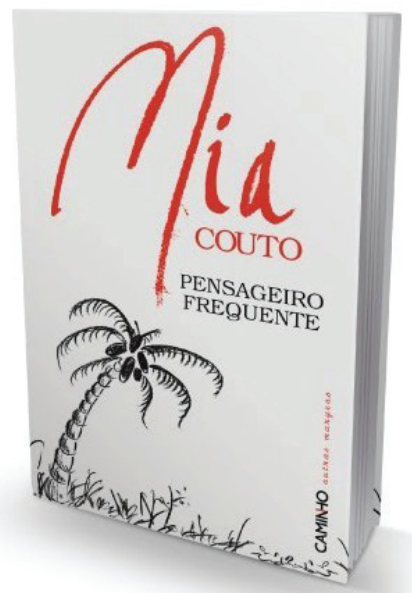


Itinerários poéticos em *Pensageiro frequente*, de Mia Couto

Giselle Leite Tavares Veiga - UFF¹

Penso que quem nos ensina a tecer é a poesia
(LABAN, apud. SECCO, 2000, p. 269)

COUTO, Mia. *Pensageiro Frequente*.
Lisboa: Caminho, 2010.



Será com a poesia que o escritor moçambicano Mia Couto marcará o início de sua vida literária, publicando, em 1983, o livro *Raiz de orvalho*. Após a poesia, ele chega ao romance, com o qual se afirma, e segue ainda com textos de opinião, contos, crônicas e livros infanto-juvenis. E, por fim, confirmando a sua versatilidade, escreve o *Pensageiro Frequente* (2010), livro de crônicas que apresentaremos nesta resenha.

Como o escritor explica na nota introdutória, esse livro reúne “textos ligeiros” que foram publicados na revista de bordo *Índico*, das Linhas Aéreas de Moçambique. Mia Couto pretende não só distrair seus leitores, como também fazer com que os passageiros percam o medo de voar. Mas há ainda uma razão principal que o motivará a escrever tais páginas. O desejo do escritor era, em suas próprias palavras: “fazer com que o meu país voasse pelos dedos do viajante, numa visita às múltiplas identidades que coexistem numa única nação. Esse era o serviço daquela escrita”. (COUTO, 2010, p. 9). Notaremos que, como expressa o autor no final da nota introdutória, seus escritos irão ultrapassar essa “função”. Trazidos para outro contexto, essas crônicas farão emergir, como em muitos de seus outros livros, a poesia.

¹ Mestranda em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – UFF.

Praticamente toda a produção de Mia Couto desenvolve-se por um viés poético. Ele mesmo explica em entrevista a sua relação com a poesia:

[...] poesia para mim, não é algo que apenas se escreva. Mas que se vive. Parece uma 'grande' declaração, mas a verdade é que, se não fosse escritor, creio que manteria uma relação poética com o mundo como condição para ser feliz [...] cresci num ambiente em que se valorizavam as pequenas coisas, a descoberta de beleza à moda Manoel de Barros: brilho entre cinzas e lixos. Lembro-me de meu pai me conduzir entre as velhas linhas do trem para descobrir pequenas pedrinhas brilhantes, tombadas dos vagões de minério. [...] Essa foi a minha primeira lição de poesia. Ainda hoje vivo assim, com olhos na terra ciscando por faíscas de beleza. (COUTO, 2009)

Através desse fragmento percebemos que é inevitável que Mia estabeleça uma relação poética com os seus textos, já que a poesia, para ele, é uma forma de ver e sentir o mundo. Essas lições de poesia se desenrolam diante dos olhos dos leitores nas vinte e seis crônicas que compõem seu último livro. Sua escrita aqui está na fronteira onde, de um lado, temos a crônica – espécie de relato que possui linguagem corriqueira e leve, característica que a difere da reportagem, outro gênero que encontramos nas revistas e jornais – e, do outro lado, encontramos a poesia – marca fundamental de sua escrita – que confere ao texto o *status* literário.

Pensageiro frequente traz em suas crônicas temas variados. Mia Couto se vale, por exemplo, da sua experiência como biólogo para traduzir em palavras a diversidade encontrada nos muitos locais visitados por ele. Ilha da Inhaca, Beira, Nacala, Machangulo, Matutíne, Costa do Cabo Delgado, dentre outros locais formam o cenário deste livro, que, sem dúvida, carrega o oceano Índico como norte fundamental. Além da diversidade espacial, deparamo-nos com elementos de diferentes culturas. Conhecemos, por exemplo, por meio de algumas crônicas, uma embarcação de origem árabe chamada *dow* que figura em todo o norte de Moçambique; já no texto “As águas da biodiversidade” vemos que em algumas línguas locais não existem determinadas palavras que correspondem a algumas comumente usadas no português, mas que esse fato não compromete o entendimento dos falantes dessas línguas autóctones, pela diferença com que é estabelecida a comunicação. Valendo-se dessas questões, Mia Couto argumenta a favor do respeito às diferenças culturais, tema que é marcante também em sua ficção e na construção de sua obra como um todo. Além de tais assuntos, encontraremos nas páginas desse livro temas políticos e relatos sobre a independência, como na crônica intitulada “Moçambique 25 anos”. O escritor irá fazer um panorama desde o dia da independência, quando tinha dezenove anos, até o ano 2000, quando o país completava vinte e cinco anos. Vejamos o fragmento:

[...] Entre o optimismo demagógico e o pessimismo derrotista que balanço fazer deste percurso? Foram, sobretudo, anos de aprendizagem do que é (e do que pode ser) a soberania e a dignidade. Estamos ainda gatinhando esse chão de sermos uma nação, partilhando iguais sonhos e desilusões. [...] Estaremos mais despertos para saber que tudo pede um caminho e um tempo. [...] Necessitaremos de inventar dentro de nós razões para agir. Com mais ou menos crença. Mas construindo. Não o melhor dos futuros. Mas um futuro para todos. [...] (COUTO, 2010, p. 60-61).

Ao chegarmos ao final do livro, nos (re)conhecemos nas palavras do moçambicano. Ao narrar uma viagem ao Brasil – que contempla o Rio de Janeiro, Ceará, Bahia, Minas Gerais, dentre outros estados – Mia Couto se surpreende e nos surpreende ao reconhecer os diversos sotaques de sua língua materna que, no Brasil, se transmuda em língua “rematerna” (COUTO, 2010, p. 90). Nessa crônica o autor discorre sobre as semelhanças e diferenças linguísticas e descobre o maior encanto da viagem pelo país irmão: “visitando um outro país estamos reencontrando um lado nosso interior, uma outra margem de nossa alma” (COUTO, 2010, p. 92). Assim, nas palavras do escritor, “O Zambeze vai desaguando na Amazónia” (COUTO, 2010, p. 92).

Mia Couto, como vemos em sua obra, faz questão de tematizar também seu próprio país. Na segunda crônica do livro, intitulada de “A cidade sonhada”, o narrador nos conta que quando criança pensava que sua cidade, a Beira, fosse a maior do mundo. Ele e seu irmão discutiam sobre onde seria o lugar mais longe do planeta. Eram, os dois irmãos, “especialistas em lonjuras” (COUTO, 2010, p. 17). Mas, após uma viagem a Lourenço Marques, “território rival” (p. 18), o personagem se depara com a certeza de que havia cidades maiores e mais distantes do que a dele. O narrador percebe, então, a grandeza de ser pequeno: os sonhos, nesses pequenos lugarejos, eram reforçados. (p. 18). Mas, ao buscar conforto na pescaria, após descobrir que seu mundo não era o único, ele se depara com uma cena trágica: “Estavam retirando das águas os corpos de dois jovens que se tinham suicidado. [...] estavam amarrados pelos pulsos [...] Eram dois namorados, impedidos de exercer o seu amor porque pertenciam a raças diferentes”. (COUTO, 2010, p. 18). Será nesse instante que o narrador perceberá que sua cidade não poderia ser tão grande, já que não abarcava o amor desse jovem casal. Após meditar com pesar acerca das contradições existentes em sua terra natal e quase desaprender a sonhar, o narrador-personagem irá entender que somos nós que fazemos os nossos lugares. Dessa forma, podemos escolher se vamos para o abismo ou se buscamos a altura dos céus:

Um arame invisível nos prendia os pulsos, a mim e à minha terra natal. Se alguma vez nos atirássemos sobre o abismo não seria para nos afundarmos mas para ganharmos voo, o mesmo voo dos flamingos cruzando os poentes sobre o rio Pungwé. (COUTO, 2010, p. 19).

É comum na obra de Mia Couto o trabalho com contrastes. Em vários contos e romances os personagens se acham em situações compostas por sentimentos contraditórios, como é o caso da cena descrita acima. O contraste também se desenvolve no plano estético: ao narrar uma morte, por exemplo, o escritor prefere lançar mão de palavras e construções frasais que remetem para um ambiente ameno que se opõe ao fato narrado. Por isso, essa crônica de apenas três páginas parece abranger o conceito de *instante poético* desenvolvido por Bachelard. Este instante seria:

[...] essencialmente uma relação harmônica entre dois contrários. [...] Os instantes em que esses sentimentos [contraditórios] são experimentados juntamente imobilizam o tempo, porque são experimentados juntos, ligados pelo interesse fascinador pela vida. Eles transportam o ser para fora da duração comum. (BACHELARD, 1985, p. 184, 188).

O personagem, apesar de desapontado, consegue vislumbrar uma saída, consegue entender que, mesmo imersos no caos, podemos fazer escolhas. Mesmo que nossas vidas não sigam pelo caminho mais adequado podemos, a qualquer hora, dar uma guinada e levá-la para o lado oposto. O *instante poético* seria justamente esse momento do texto que gera, tanto no personagem quanto no leitor, uma sensação que é resultado do contraste entre alegria e tristeza, por exemplo. Esses sentimentos dicotômicos coexistem, não podendo ser explicados separadamente. Bachelard aborda tal conceito no âmbito da poesia, porém, como mencionamos anteriormente, Mia Couto passeia a todo o momento por esse gênero, sendo possível, pois, associarmos o conceito à supracitada crônica.

Dessa forma, Mia consegue “fixar” a poesia em praticamente todos os seus textos, independente do gênero. Assim, através da prosa poética, seu texto desponta mais leve do que a realidade. Devido à carga poética que o autor imprime em seus personagens, as crises vivenciadas por alguns deles, ao invés de imobilizá-los, irão proporcionar novas possibilidades de enxergar o mundo. Tais possibilidades se expandem para os leitores de suas histórias.

Mia Couto, como Mamudo, um personagem marinho do Cabo Delgado que figura na crônica “Como se o mar tivesse outra margem”, através dessas histórias – que muitas vezes podem ter um pé na vida real, já que o autor escreve sobre experiências que viveu nas visitas de campo exigidas em seu trabalho como biólogo – irá nos conduzir “por uma viagem para a outra margem do mar” (COUTO, 2010, p. 33). Como o personagem desse mesmo conto fazia quando criança, os leitores voarão com Jonito, seu cágado, para um outro espaço: para as ilhas. Como narra o personagem, “as ilhas existem dentro de nós, como um território sonhado, como um pedaço do nosso passado que se soltou do tempo”. (COUTO, 2010, p. 31). O texto transmite ao leitor a sensação de fluidez, como se o destino final fosse uma ilha ou um mar onde as histórias contadas unissem, como pontes, espaços e tempos que ao mesmo tempo estão tão perto e tão longe. A narrativa contribuirá para que as diferentes línguas e os diferentes hábitos não separem mais e mais os seres humanos. Dessa maneira, poderão ser criadas pontes que quebrarão o “histórico isolamento”, como nos mostra a crônica “As águas da biodiversidade”, que sintetiza o que o autor vem explorando em todos os gêneros a que se propõe: “Mas que seja uma ponte que leve e traga na mesma proporção. E não mais uma dessas pontes feitas para tirar tudo e não dar nada”. (COUTO, 2010, p. 29).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985.
- COUTO, Mia. Entrevista. In. *O Globo* (Segundo Caderno), 8 de março de 2009.
- COUTO, Mia. *Pensageiro Frequente*. Lisboa: Caminho, 2010.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Mia Couto: E a “Incurável Doença de Sonhar”. In. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2000. p. 261-286.